



# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números) . . . . .	480000
OITOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 números) . . . . .	250000
NUMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

Escritorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 20 de Junho de 1895.

N. 7

## A CIGARRA

**ENCONTRARÃO** os leitores n'este numero (pags. 2 e 8) o cumprimento de duas promessas: a promettida **BALADA DA CIGARRA** que devemos ao distinctissimo compositor **Julio Reis**, e a promettida pagina de **Belmiro de Almeida**,—o nosso distinctissimo pintor, que com um grande talento cultiva a caricatura.

Quem é, no desenho de **Belmiro**, que hoje damos, o caricaturado? Responda a universalmente reconhecida perspicacia dos leitores d'*A Cigarra*.

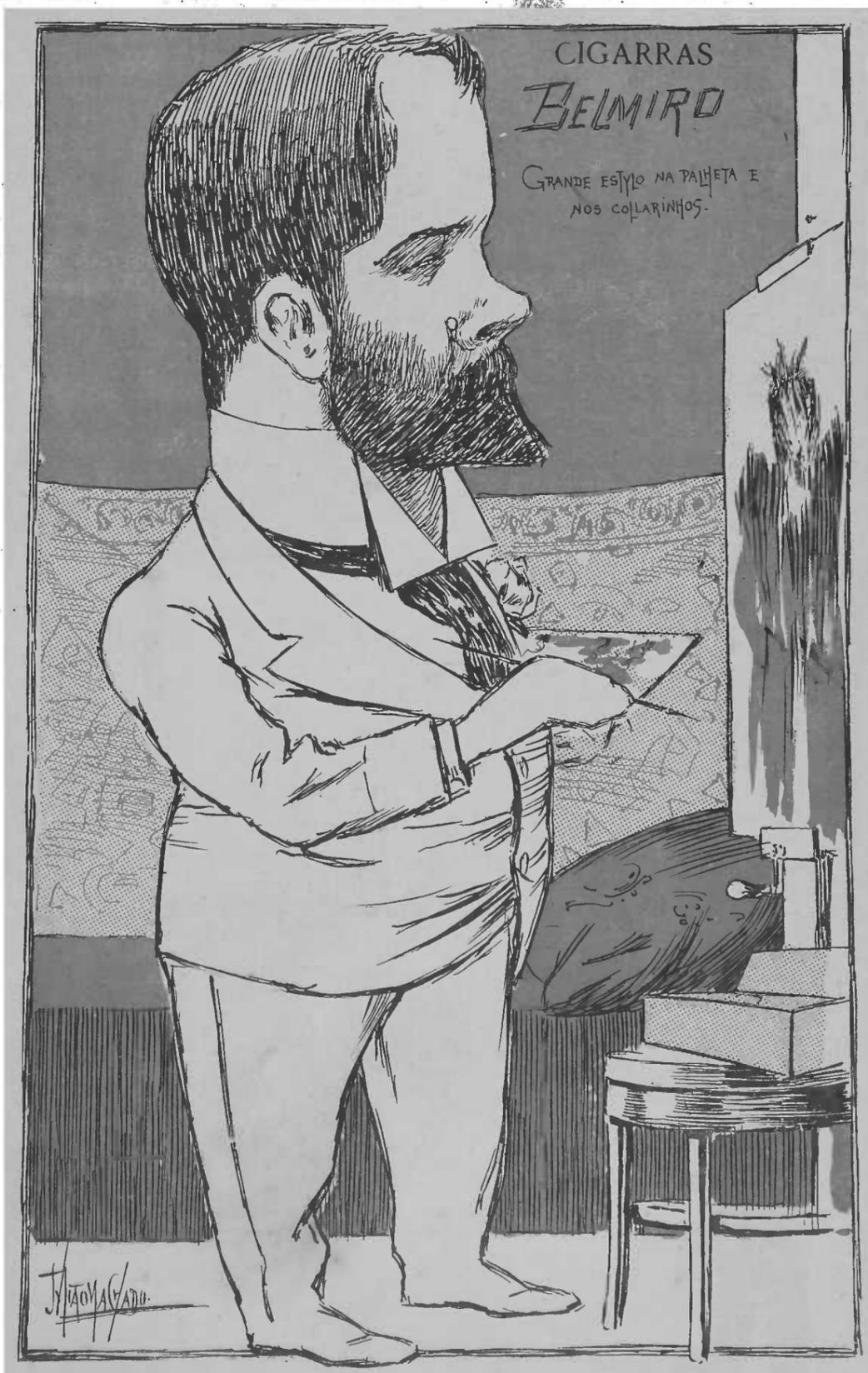


No proximo numero (n. 8) publicaremos um admiravel trecho *inedito* do illustre romancista nacional **Aluizio Azevedo**. E' um fragmento do seu novo romance *Livro de uma sogra*, actualmente no prélo, e ainda inteiramente desconhecido do publico.

Essa pagina *inedita* é admiravel de observação e de estylo. Já vê o publico que *A Cigarra* o está presenteando com a collaboração dos mais illustres representantes da litteratura e da arte do Brazil.



*A Cigarra* tem recebido exemplares de varias publicações recentes. Não temos por ora espaço que chegue para a analyse dos livros que nos são enviados. Mas, como Deus é grande e o favor publico é o seu propheta, esperamos dentro em pouco ter inauguradas á larga, na folha augmentada, todas as secções indispensaveis á boa organização de uma publicação deste genero.



## TYPOS DA RUA DO OUVIDOR



Do cambio emblema parece  
Do João Bruno a cartolinha :  
Quanto mais o cambio desce  
Tanto mais ella definha.



**DIZEM** que esta folha tem commetido a gravissima falta de não se occupar bastante com as altas questões, que de perto entendem com a grandeza moral e material do Brasil. Não dizem isto em voz alta. Dizem-n'o á socapa, traiçoeiramente, querendo intrigar *A Cigarra* com a posteridade. Entretanto, em outra columna da folha, todas as quintas-feiras, o meu collaborador L. F. (iniciaes que mal disfarçam o nome illustre de um illustre escriptor, que foi varias vezes eleito deputado durante o regimen passado) costuma escrever sobre *A Politica* estiradas e gravibundas ponderações, que súaam patriotismo e irradiam bom senso... Mas, ao fundar *A Cigarra*, nós já sabiamos que não nos faltariam detractores. Que importa? um verso de Schiller nos

consola: quando os cães ladrarem á tua passagem, fica sabendo que ladram só porque passas a cavallo!»

Dizem que *A Cigarra* se desmancha em risos estridulos, quando a patria se desmancha em sustos e lagrimas... Que reis ter a prova de que não descuramos os interessès vitæes da Republica? Lede-me.

\*\*\*

Ha dias recebi a seguinte carta, impressa em fôrma de circular:

« Exm. Sr.—Para que V. Exa. se digne responder: 1.º Está de pleno accordo com as disposições do artigo 3º e seus paragraphos, da Constituição Federal, que preceitua sobre a mudança da capital da União para o planalto central do Brasil? 2.º Qual das denominações prefere para a capital projectada: *Cabralia* ou *Brasilia*, como já têm sido indicadas? 3.º Julga aceitavel a denominação: *Goyaz*? 4.º Se nenhuma das acima, qual a que entende dever ser dada, como mais expressiva, sob o ponto de vista ethnographico, e como mais esthetica quanto á sua construcção philologica? Queira V. Exa. endereçar a sua resposta á redacção do *Diario de Noticias*, subscripta ao signatario —*Henrique Silva*.»

Sei que varios cavalheiros, como eu directores da opinião publica, receberam egual convite. E, agora, vêde: eu poderia responder ao signatario da consulta em carta particular, privando assim o publico da ineffavel delicia de ser edificado com as minhas luzes... Mas, ao contrario, vou responder pela *Cigarra*, em publico e raso, pondo assim o meu voto e a minha opinião ao alcance do criterio dos nossos innumerables assiguantes.

N'este simples facto de se occupar *A Cigarra* com o magno problema da mudança da Capital Federal, já vae a affirmacção do muito que nos merecem os interesses publicos, — não acham? Outro homem fosse eu, menos cheio de patriotismo, e trataria da mudança da capital do Japão ou da mudança da capital da Senegambia...

\*\*\*

Mas, ainda não é tudo. Se eu não sentisse arder dentro de minha alma,—constantemente alimentada pelo azeite sacro

do nativismo, — a lampada inapagavel do amor da patria, tomara a deliberação de ir procurar o meu interlocutor Henrique Silva, para lhe dizer, mais ou menos, o seguinte :

\* Amigo Henrique ! Bem sei que você é goyano, e que ama Goyaz, e que julga de transcendental importancia este caso de mudança de capital. Bem sei tambem que sou brasileiro, e que amo o Brazil, e que de importancia transcendental julgo o supracitado caso. Mas, enfim, não foi você quem descobriu o Brasil... Nem eu, amigo, nem eu ! Dizem uns que foi Cabral, dizem outros que foi Pinson : o meu caro e illustre Capistrano, que, na materia, é autoridade incontestavel e incontestada, resolve a pendencia, dizendo que *foram os hespanhaes que descobriram o Brasil, porque Cabral viu terra mais de meiado de Abril, e Pinson a viu em fevereiro* ; diz que essa é a solução chronologica ; mas, que, *sociologicamente fallando, os descobridores do Brasil foram os portuguezes*. Mas, amigo Henrique, o que é certo é que o descobridor não fui eu ! Ora, quem descobriu o Brasil que o ature... acho melhor que você mande os seus quesitos a Cabral ou a Pinzon, e que d'elles exija a solução do magno problema...

Pois bem ! não commetterei tamanho crime. Responderei a Henrique, com varios compendios em cima da mesa e com a mão na consciencia.

\*\*\*

Mas, começarei pelo segundo quesito, deixando o primeiro para o fim.

Se prefiro *Cabralia* a *Brasilia*, ou *Brasilia* a *Cabralia* ? Não prefiro nenhuma, senhor !

*Cabralia*, porque ? A dever o nome da nova capital rememorar a gloria do descobridor, mais aceitavel seria o hediondo nome de *Pinsonia*, pelas razões a que acima alludi. Já a America assim se chama imprópriamente, com injustiça grande para a gloria de Colombo.

Se julgo aceitavel a denominação de *Goyaz* ? Nunca, senhor !

Goyaz é um nome que condecora todo um Estado e um Estado grande, impenso, feracissimo, riquissimo, poderossissimo. Se é preciso absolutamente dar um nome á cidade, porque lhe dar um nome velho ? Novos nomes a novas cidades, senhor ! Já a joven capital de Minas, em Bello Horizonte, por uma grande tolice governamental, chama-se... Minas ! Minas, capital de Minas, — que horror !

Qual então a denominação que prefiro ?

\*\*\*

Nada mais facil do que descobrir bellos nomes, bellos e adequados. *Paschoalia* seria formosissimo. Quando a frota cabralina avistou a terra brasileira, celebrava-se a bordo a festa da Paschoa, — festa da concordia e do amor. *Paschoalia* não ficaria bem como denominação á grande cidade, em que todas as raças confraternisaram pelo trabalho ?

Outra ideia : porque não ressuscitar o velho nome de *Veru Cruz*, em má hora abandonado pelo de Brasil ?

Consta-me que o general Couto de Magalhães, consultado ha tempos sobre esta mesma questão, propoz um nome indigena, arrezvado e feio, que não me ficou preso á memoria : felizmente, porque ainda me lembro de que era uma palavra medonha... como tudo quanto é caboclo.

\*\*\*

E vamos ao quesito primeiro.

Se estou de accordo com o art. 3º da Constituição ? Mas, está claro ! eu estou de accordo com toda a Constituição, do primeiro artigo ao ultimo, — mesmo porque a falta do meu accordo não conseguiria mudar-lhe, já não digo uma linha, mas uma simples, uma desgraçada, uma pobre entrelinha... Por não estar de accordo com a Constituição, anda uma porção de gente no sul a saltar cochillas e a comer polvora : não tenho geito para essas cavallarias altas. Estou de accordo, sim, senhor !

Se o planalto da Formosa é lindissimo, se estão tratando de lá fazer uma cidade modelo, se é preciso povoar e desenvolver o interior do Brazil, — como não hei-de querer que se mudem para o coração de Goyaz os deputados, os amanuenses, os senadores, os chefes de secção, os continuos e os ministros de Estado ? Ah ! eu sou tolerante ! a moderação e o amor da justiça e da razão são os tapetes que forram o fundo do meu character. Carioca da gemma, nascido em plena e viva rua do Ouvidor, não cuideis que o planalto da For-

mosa me faça inveja. Mesmo sem camaras, sem palacio da Presidencia e sem amanuenses, o meu Rio de Janeiro não teme a concurrencia da vossa Cabralia ou Paschoalia ou Vera Cruz ou Goyaz.

Tereis palacios de marmore, parques de luxo, avenidas, e boulevards, cartuagens e restaurantes... Mas, ó infornados ! não tereis o mar, e não tereis as nossas mulheres d'aqui, estas divinas e coquettes fluminenses, que são as mulheres mais elegantes da America.

Ide-vos todos para a vossa Formosa : deixae-me a mim com a minha Feia. Amo-a assim mesmo, amo as suas ruas finas, torcidas e sujas como intestinos, amo as suas immundicies e os seus vicios, os seus horrores de cortezã precoce, a sua futilidade, a sua paixão pelo mexerico e pelo boato, os seus arrebiques de gaiteira, os seus medos, os seus calçamentos esburacados, as suas casas ignobeis e c. r. as, — amo-a sobre todas as cidades, e sobre todas as cousas, — pelo mar que a beija e pelas mulheres que a enchem !

\*\*\*

Que tenho eu com a Cabralia ou Brasilia ou Paschoalia ? Não deixarei, por essa nova amante, toda vestida de novo, ensaiada para as festas e os prazeres da vida, — a minha velha amante, filha de Mem de Sá, beila matrona ardente e apaixonada, tão conhecida dos meus olhos e do meu coração, — e em cujo collo me cahiu o umbigo, ao nascer, e em cujo collo peço a Deus que me caia o corpo, á hora da morte.

Ah ! estou de pleno accordo com o art. 3º da Constituição, Sr. Henrique ! Mude-se a Capital para Goyaz ou para o Amazonas : tanto melhor para a patria, que ficará possuidora de mais uma grande e deslumbrante cidade. Mas, não contem com a minha presença por lá ! D'aqui, do seio do meu amado Rio de Janeiro, não sahirei nunca mais, senão... para a Gloria.

\*\*\*

Vou dormir. Tenho a consciencia á larga e o coração inundado de jubilo. Accusavam-me de ligar pouca importancia aos interesses da terra natal, e vinguei-me, dedicando a esses interesses uma pagina compacta.

Das almas nobres a nobreza é esta !

*Fantasio*

## Chiromante

Duas horas da tarde. Uma penumbra doce enchia a doce alcova de Emma. Lá fóra chovia. Os pingos de agua estalavam, estalavam frequentes, rapidos, sobre as vidraças abaixadas. Emma, sentada no pequenino sofá de seda azul, entregava aos meus beijos as suas pequeninas mãos cor de leite, em cuja brancura as veiasinhas corriam como traços de saphyra. E eu, de joelhos, beijava essas mãos cor de leite, e a cada pingo de agua, que estalava sobre as vidraças abaixadas, um beijo meu estalava sobre a pelle cheirosa d'essas duas obras-primas de carne...

(Como vêem, este começo de conto promete... Ah ! meus amigos ! que há de fazer um homem, senão procurar o aconchego de uma alcova azul, — quando chove, quando as ruas estão cheias de uma lama grossa, quando nenhuma mulher sae de casa, quando só ha pela cidade marmanjos que correm, com as calças arregaçadas, carregando ás costas os immensos guarda-chuva abertos, bamboleantes, humidus, lustrosos, como formidaveis cogumelos negros ?)

E, pois, beijava eu as mãos de Emma, apaixonadamente. Apaixonadamente, é um modo de dizer, — porque, a fallar verdade, já eu estava cansado d'essa occupação platonica...

Por mais bellas, por mais cheirosas que sejam as mãos de uma mulher, a gente, depois de as haver beijado durante meia hora, sente a necessidade de passar das mãos ás faces, aos cabellos, aos olhos, á bocca, á brancura das espaldas

# A OBSESSÃO DAS GORDAS OU A HERANÇA MORBIDA

Apontamentos para um drama ibsiniano psychopatha em trez actos



As damas recheadas  
dificultavam-lhe a comprehensão  
dos mysterios do t-a-be.

Attenção e respeito. As bonicas gordas o interessavam



Uma vez  
alguem que  
fêz muito  
nossa  
reza



As curas gordas prescreviam - nio



Um celebre medico de Paris consultado, declarou:  
um vicio atavico - culpa dos paes. até posso re-  
ceitar. (50 francos, o preço do tableto)



(Catastrophe.)

Uma capital com o pai  
que entre lágrimas de arrependimento  
revela: tua mãe pesava 255 kilos.

Monólogo do terceiro acto:  
até saber unáscor para amar ao mundo  
mãe pauca mais forte! Mãe pauca mais!

# AH! A POLICIA NÃO É UM MYTHO !



à curva deliciosa do seio... Chega mesmo a ser uma injustiça clamorosa limitar-se a gente a beijar mãos, quando tantos outros bocados do corpo da mulher amada reclamam, com ciúme, a homenagem dos nossos lábios...

Por isso, já não era apaixonadamente que eu beijava as mãos de Emma: era desconsoladamente, desesperadamente, com o desconsolo e o desespero de um homem esfaimado, que, tendo diante de si todo um banquete lauto, se vê obrigado a só comer os *hors-d'œuvre*, — insossos rabanetes, pifias azeitonas, magros caviars...

Emma, porém, estava implacável. Quando os meus lábios insubordinados queriam abandonar os *hors d'œuvre* por um prato mais sustancial, — um tapinha rápido, um tapa inofensivo, mas energico, chamava os rebeldes ao sentimento das conveniências. E a chuva batia contra as vidraças abaiçadas. E fazia frio. E eu já não podia mais commigo...

Então, Emma, para operar uma diversão, e furtar-se ás minhas exigências, começou a fallar de espiritismo, de occultismo e de chiromancia.

— Acreditas na chiromancia, queridinha? perguntei, curioso...

— Oh! acredito! acredito!...

E a sua voz dizia isto com um certo respeito, com o respeito com que todas as mulheres fallam do desconhecido, do miraculoso, do ultra-humano...

E, dando-me de novo as mãos:

— Examina-as tu! tu que sabes lêr nas almas, como poeta que és, — deves também saber ler nas mãos... Examina-as! vê o que dizem as linhas do meu caracter, do meu temperamento, das minhas qualidades, dos meus defeitos! Que mão tenho eu? util? philosophica? artistica? elementar?

— Tens a mão linda! tens a mão formosa! tens a mão encantadora! é tudo quanto vejo...

— Não gratejes! Examina-as!

N'esse momento, uma idéa me atravessou o cerebro como um relampago. Perdoa-me tu, ó Eliphaz Levi! perdoai-me vós todos, ó chiromantes, ó esoteristas, ó occultistas do mundo todo! — eu não podia mais commigo... a fome apertava...

Dei á physionomia um ar de suprema gravidade, uma circumspeção de physionomia de *augur* romano, — e puz-me a examinar as mãosinhas de Emma, as duas pequeninas obras primas de carne, de uma suave côr de leite, veiadadas de traços de saphira. E, depois de tres minutos de exame:

— Oh! filha! tens aqui uma linha terrivel... Que linha feia, meu amor! aqui, aqui... olha! E' a linha da insensibilidade, da indiferença, da frieza de carne e de alma em materia de amor... Quem tem esta linha na mão é incapaz de amar, é incapaz de querer bem, é um bloco de marmore, sem nervos, sem coração, sem alma!

— E' mentira! é mentira! exclamou ella, batendo o pé, com raiva.

— E' verdade! exclamei eu, com convicção. E accrescentei, com emphase:

— Tu és incapaz de amar! tu és incapaz de querer bem!

— E' mentira, porque te amo! é mentira porque te quero bem! não acredito em feitiçarias! Isso é mentira, porque te amo! porque te amo! porque te amo!

— Não! — bradava eu, como um propheta — és incapaz de amar! a chiromancia não mente! és incapaz de querer bem! tens a linha da indiferença! a chiromancia não mente!

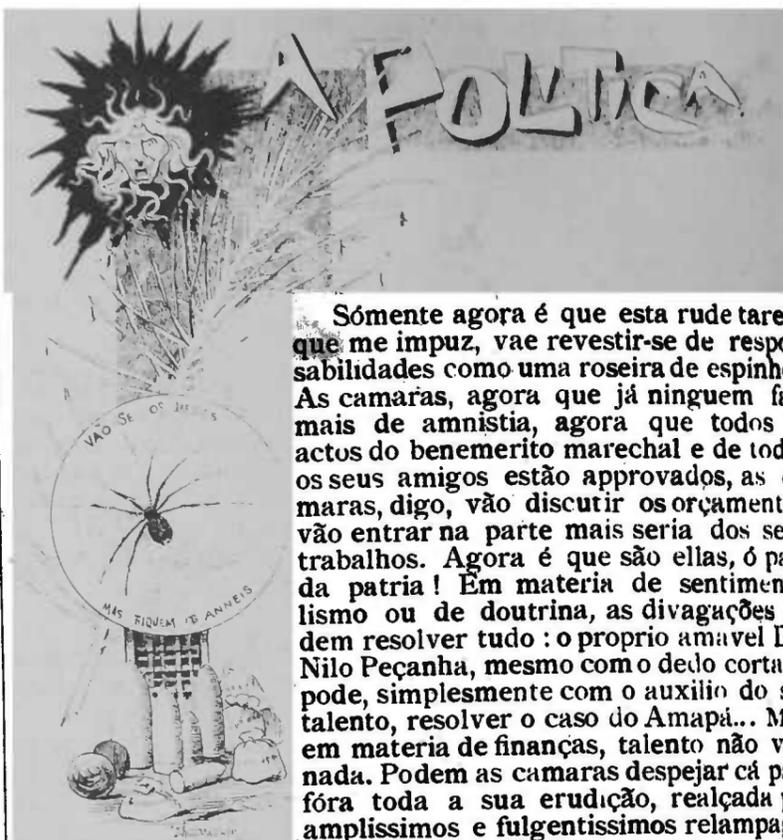
— Mente! mente! hei de provar-te que mente! hei de provar-te que sou capaz de amar!

E enlaçando-me o pescoço nos braços, collou os seus lábios nos meus, n'um beijo longo, apaixonado, delirante.

Contra as vidraças, a chuva continuava a bater... Que doce penumbra enchia a doce alcova de Emma!...

E, d'ahi a minutos, a chiromancia estava formalmente desmentida.

*Fantasio*



Sómente agora é que esta rude tarefa, que me impuz, vae revestir-se de responsabilidades como uma roseira de espinhos. As camaras, agora que já ninguém fala mais de amnistia, agora que todos os actos do benemerito marechal e de todos os seus amigos estão approvados, as camaras, digo, vão discutir os orçamentos, vão entrar na parte mais seria dos seus trabalhos. Agora é que são ellas, ó paes da patria! Em materia de sentimentalismo ou de doutrina, as divagações podem resolver tudo: o proprio amavel Dr. Nilo Peçanha, mesmo com o dedo cortado, pode, simplesmente com o auxilio do seu talento, resolver o caso do Amapá... Mas, em materia de finanças, talento não vale nada. Podem as camaras despejar cá para fóra toda a sua erudição, realçada por amplissimos e fulgentissimos relampagos de genio: dinheiro não se faz com discursos.

×

Onde iremos buscar dinheiro, ó povos? Ha dias, ouvi de um senador, a quem se pedia o meio de salvar o Thesouro dos pavores da bancarrota, esta desconsoladissima declaração: «Que é que se ha de fazer?... eu nem certeza tenho de receber o meu subsidio!...»

E aqui é que está o ponto mais grave da questão.

Que não haja dinheiro para pagar os juros das apolices... vá lá! porque, emfim, as apolices são credores descendentes, que não nos mandarão penhorar os cacarécos por causa dos juros não pagos...

Que não haja dinheiro para pagar á Inglaterra os juros da nossa divida, vá lá ainda! porque a Inglaterra é archimillionaria: e, além disso, a Inglaterra, se quizer usar de medidas violentas, improprias de tão rico e tão delicado credor, o mais que póde fazer é penhorar as Estradas de ferro e Alfandegas, sem ousar fazer mão baixa sobre as nossas mobílias e as nossas roupas de uso particular.

Mas, que não haja dinheiro para pagar o subsidio... só em pensar n'isso arrepiam-se-me as carnes e o cabello.

Não havendo subsidio, não haverá Camaras, porque ninguém está disposto, n'este fim de seculo egoista, a trabalhar de graça, para o bispo ou para a patria.

Não havendo camaras, não haverá politica, porque é n'aquellas duas casas de palração e paradoxo que reside a propria essencia da politica.

E, não havendo politica, não haverá esta secção, não haverá L. F., — não haverá *Cigarra*, porque esta secção é a vida d'*A Cigarra*. Vêdes d'ahi a nuvem negra que se aproxima, prenhe de tantas e tão lamentaveis desgraças?

×

E, não haver remedio! e não haver remedio para isto!

O sr. Serzedello Correia, que deve conhecer bem a situação porque já fulgurou na casa da rua do Sacramento como o Leroy Beaulieu da terra, deus soberano das Finanças, Sacerdote supremo dos orçamentos, — o sr. Sezerdello já indicou remedio. Mas, que remedio!

Quer S. Ex. que, além de apertadas e extraordinarias economias, faça o governo suspender todas as obras em andamento. Que obras? A obra mais seria e mais cara que estamos sustentando é a obra da consolidação do governo do meigo Julio de Castilhos no Rio Grande do Sul, — governo angelico e doce, — tão doce e tão angelico que até parece que é a propria Clotilde de Vaux quem está administrando os

pampas e as cochilhas gaúchas. Como parar essa obra, desatinado mancebo? não vês tu que, na opinião da parte sã do paiz, (isto é: na opinião do Deocleciano Martyr), a consolidação do castilhismo é a consolidação da Republica?

E, a não ser essa obra, não vejo outra que possa com vantagem real ser suspensa.

Ah! se isto de governar paizes fosse o mesmo que dirigir pedreiros e carpinteiros, se ser presidente da Republica fosse o mesmo que ser mestre de obras,—o conselho do joven deputado pelo Districto Federal (talvez senador dentro em pouco, hein?) seria um conselho genial.

Não veem, alli assim no cães da Lapa, as obras da Maternidade? Encetou-as a Santa Casa com um *entrain* admiravel. Mas, como faltasse dinheiro, suspendeu-as: e salvou-se do *krak*. Sim! mas o sr. Castilhos não é Maternidade! se suspendem as obras do sr. Castilhos, a Republica arrisca-se a morrer... de volvo.

Por isso, não concordo com o alvitre lembrado pelo sr. deputado.

Não digo que todo elle seja máu. A parte que se refere a economias apertadas é realmente aceitavel. E vou lembrar outra cousa.

Porque não salvamos o Thesouro por meio de subscrição nacional? Cada um de nós dará o que puder. Os ricos darão muito, os pobres darão pouco. Jesus disse que o vintem da viuva valia mais que o ouro dos opulentos. Experimentemos. Que cada brasileiro dê cincoenta por cento do que ganha: o sacrificio não é grande. Nem ha nunca sacrificio, quando se trata de correr em auxilio da mãe patria.

Assim, eu, que ganho duzias de mii réis, darei ao Thesouro meias duzias de mil réis. Os paes da patria, que ganham contos, darão meios contos. Os fornecedores do sul, que ganham milhões, darão meios milhões. E verão quanto lucra o Thesouro...

O conselho vae de graça. Eu, para servir a patria, não preciso de ser pago para isso. Nasci com a vocação do sacrificio. Tanto, que, se para salvar o Rio Grande, o governo resolver nomear-me governador de lá,—Eu me curvarei a essa dolorosa obrigação.

Porque, enfim, além da vocação do sacrificio, confesso que sempre tive outra vocação: a de gastar muito dinheiro. E dizem que, no que diz respeito a isso, o governo do Rio Grande é uma delicia!



O grande successo theatral dos sete dias passados foi a representação do drama de Ibsen, *Os Espectros*, por Novelli.

Não sei qual é o titulo da peça na lingua original. O que sei é que em francez o drama chama-se *Revenants*.

*Espectros*, como titulo, não dá absolutamente idéa do que é a assombrosa criação do grande Ibsen.

O publico —oh! espanto!— encheu o theatro. Tambem, aquella grande multidão, nos intervallos, desmanchou-se em tolices commentando a peça.

Ouvi de um sujeito esta critica, tão summaria quanto imbecil: —Isto é plagio de Zola!...—

Outro, revoltado pela terrivel e humana verdade que Ibsen põe em scena, exclamava que aquillo era litteratura pornographica.

Mas, ao lado d'esses, dentro da turba ignorante, havia na platéa todos os finos espiritos do Rio de Janeiro que pensa.

A curiosidade era grande. Pela primeira vez, em nossa terra, se ia representar Ibsen,—o creador scandinavo cujo talento ha pouco surgiu, como um relampago, inopinadamente rasgando um novo horisonte á arte dramatica.

Ibsen, quasi nada conhecido aqui, passa por ser um decadente, um symbolista, como Maeterlink,—na opinião dos nossos nephelibatas junqueirianos, que lhe querem fazer a injuria de chamal-o chefe.

Ibsen é simples, claro, transparente, como um poeta antigo. Não ha na sua *maneira* as decantadas sub-suggestões e meias-tintas da nova escola, que, em geral, servem apenas para encobrir a inopia de idéas dos sacerdotes do novo crédo.

Não houve, na platéa do *Lyrice*, na memoravel noite de sabbado, um só espectador, por mais ignorante e mais fraco de espirito, que não comprehendesse aquelle admiravel estudo da miseria humana, tratado por Ibsen,—não com a fria crueldade de um analysta, mas com a divina bondade de um compassivo.

Não contaria eu aqui nenhuma cousa nova, se contasse o enredo dos *Espectros*: já todas as folhas diarias o contaram, já o publico que lê o conhece de cór. Tambem, dizer que Novelli é um actor phenomenal, seria cousa de uma banalidade desesperadora.

Vinha talvez a pello dizer que não me pareceu aquelle um dos melhores papeis do artista. Novelli gritou, em varias scenas, talvez mais do que devia...

Mas, que diabo! é o seu temperamento... E, depois, só é proprio de mesquinhos espiritos andar fallando das manchas do sol para deprimil-o, ou andar n'um esplendido roseiral catando os caramujos que o profanam. Applaudamos, pois, sem restricções, o grande Novelli!

—II—

Antes dos *Espectros*, representára Novelli o *Nero* de Pietro Cossa. O *Nero* é um dramalhão mal feito. Já, dentro d'esse pessimo papel de protagonista, vi eu o assombroso Emanuel dar-se torturas inenarraveis para tentar ser natural.

Depois dos *Espectros*, tivemos, na segunda-feira *Um Drama Novo*, peça moderna, de interesse altamente dramatico, em que Ermete impressiona vivamente a platéa.

Que vamos ter agora? O espirituoso A. das quadrinhas d'O Paiz pediu a Novelli uma nova representação do *Rapto das Sabinas*. De accôrdo. Mas, que não fiquem esquecidos o *Hamlet*, o *Othela*, o *Rei Lear*, o *Tartufo*, e, (attende á minha supplica, ó Novelli!) o admiravel *Mercadet* de Balsac, que Emanuel fazia tão bem...

Um ultimo pedido: não será possivel ao bello Ermete dar-nos *Pae* de Streindeinberg, se é o que tem no seu opulento repertorio?

—III—

Nos outros theatros, que ha de novo? revistas, revistas, revistas... Valha-nos o actor Martins, a cujo cuidado estão hoje entregues as cousas theatraes desta terra! No emtanto dizem que o egregio (perdão, Parlagrecco!) director do theatro Normal da Municipalidade não tenciona excluir do seu programma esse genero... Não digo nada, porque não me quero comprometter. Se se zanga commigo o actor Martins, vae-me por agua abaixo a esperanza que tenho de ainda vêr em scena uma peça em que trabalho ha trinta annos, e com a qual, se Jupiter me ouvir as preces, hei-de desbancar Eschylo e Sophocles.

—IV—

O *Aquidaban*... Não vi nem ouvi essa peça. Dizem que o autor gosta muito d'ella.

Buck.



*Andante dolcissimo* *Ballada.* *Julio Rios*

*Piano*

*con amore*

*Andante* *Tempo* *Andante*

*Allegro* *ritardando* *animato*

*Tempo* *dim. f* *con amore*

*appassionato* *ritardando* *con amore*

*ritardando* *diminuendo* *dolce* *ritardando*

*Ad. - - -*